

A capital tem seu sotaque

■ Falar brasiliense une pronúncia de todas as regiões

MARGARETE VITÓRIA



Aos 33 anos de idade, Brasília já tem sotaque próprio. Localizado em Goiás, cercado por Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins e Bahia, o Distrito Federal — que ainda recebe gente muito além de suas fronteiras — misturou o falar brasileiro, amalgamou o idioma, neutralizou os traços fortes de todas as regiões e hoje tem jeito único de se expressar. Por causa mesmo da mistura, não há quem consiga identificar, pela nuance da voz, que a pessoa nasceu aqui. Algo como um sotaque nacional.

A existência de um sotaque brasiliense foi constatada pela professora Stella Maris Bortoni, do Departamento de Lingüística da Universidade de Brasília (UnB), que ao longo da década de 80 estudou, com um grupo de alunos de pós-graduação, as variações lingüísticas dos antigos moradores da capital e, principalmente, das duas gerações de brasilienses que nasceram na cidade. Para o grupo, a elaboração de um sotaque próprio é vista como uma busca de identidade do brasiliense.

Previsão — O surgimento de um falar típico da capital foi previsto já no início da década de 60. Naquela época, o professor de Dialetologia da UnB, Nelson Rossi, profetizava que a mistura de diversos dialetos e culturas regionais em Brasília — devido à con-

vergência de brasileiros de vários estados para a cidade — resultaria num modo de expressão próprio, diferenciado pela pronúncia das palavras e pela melodia das frases. Segundo o censo de 1980 — o dado utilizado pela pesquisa —, 67,5% da população do DF são imigrantes de outros estados, 31,6% nasceram na cidade e 10,9% são estrangeiros.

O grupo de estudos da UnB constatou que, pouco a pouco, Brasília foi derrubando o *chiado* carioca nas letras *s* e *z*. Caiu também o *r* tipicamente interiorano do mineiro e do paulista e a vibração da mesma letra típica dos gaúchos. Aqui, quem veio do Nordeste e está já há um bom tempo não fala mais *muchho* no lugar de *muito* nem pronuncia *vér-dura* ou *córação*, adotando a vogal fechada do Sul do país. “O brasiliense neutraliza esses traços regionais mais marcantes”, explica um dos pesquisadores do grupo da UnB, Djalma Melo, professor da Fundação Educacional do DF. Segundo ele, o brasiliense também despreza a melodia (o falar cantado) dos sotaques regionais.

Interação — Mas, para os antigos moradores da capital,

provenientes de outras regiões, as mudanças no sotaque original dependem do grau de interação com conterrâneos do estado de origem. Quanto mais fechados na rede de parentesco, maior a probabilidade de preservar o modo de falar, esclarece Stella Maris. A preservação arraigada da cultura e da tradição regionais também têm grande influência na manutenção do sotaque original, como no caso da maioria dos gaúchos, alagoanos e pernambucanos.

A pesquisa constatou que o sotaque brasiliense reproduz o modo de falar da mídia, dos jornais, que não valorizam as marcas regionais mais acentuadas. A pós-graduanda Elizabeth Hanna mostrou num estudo que, devido à estigmatização da pronúncia nordestina e da condição social da população da região, vários parabanos radicados na cidade, por exemplo, perderam rapidamente o modo de falar original.

Pesquisa do professor Djalma Melo, onde 120 moradores de Brasília julgaram cinco sotaques regionais, constatou que o modo de falar paulista e brasiliense têm mais prestígio na capital e são relacionados às profissões mais bem conceituadas.

Brasília — Luis Antônio



Stela Maris coordenou a pesquisa que comprovou o sotaque de seu neto André